


ENTRE A SUBVERSÃO E A DEPENDÊNCIA: O PÓS-ESTÉTICO NA CRÍTICA LITERÁRIA

Between subversion and dependence: post-aesthetic in literary criticism

Gabriel Felipe da Silva^{1, 2}

<https://orcid.org/0000-0002-3095-9197> 

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. 30535-901 – posletras@pucminas.br.

²Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 24210-201 – secretaria.plt.egl@id.uff.br.

Resumo: A crítica literária brasileira passou por significativas transformações desde sua formação, especialmente com a influência de Afrânio Coutinho, que buscou instituir uma abordagem autônoma relativa, sistemática e científica da literatura. Sua perspectiva, centrada na análise imanente da linguagem e na valorização da estética literária, encontra desafios com a consolidação dos estudos culturais, que enfatizam a contextualização sociocultural, histórica e política das obras literárias, afastando-se dos princípios estéticos. Essa mudança teórica e metodológica gerou tensões entre a preservação da literatura como arte autônoma e a sua leitura enquanto prática cultural inserida em sistemas de poder que, supostamente, devem promover certa reparação histórica ao visibilizar novas vozes, relegando a segundo plano a estética e o rigor científico, ao menos aquele proposto por Coutinho. Isso porque, de um lado, a ideia de ciência para Coutinho está intimamente ligada às correntes imanentistas, isto é, formalismo eslavo, estruturalismo e estilística. Do outro lado, os Estudos Culturais, a quem chamo de pós-estéticos, reivindicam seu próprio rigor científico, que está fortemente conectado à sociologia e à antropologia. Este artigo explora essa transição, destacando a relevância do pensamento de Coutinho e as novas demandas dos estudos literários, que incluem interdisciplinaridade e engajamento com temáticas contemporâneas. Apesar de resistências à adoção de abordagens mais amplas, a crítica literária brasileira tem buscado equilibrar rigor analítico e abertura epistemológica, promovendo reflexões que dialogam tanto com a tradição quanto com a inovação.

Palavras-chave: Afrânio Coutinho; crítica literária brasileira; estudos culturais; theory.

Abstract: Brazilian literary criticism has undergone significant transformations since its formation, especially with the influence of Afrânio Coutinho, who sought to establish a relatively autonomous, systematic, and scientific approach to literature. His perspective, centered on immanent analysis focused on language and the valorization of literary aesthetics, faces challenges with the consolidation of cultural studies, which emphasize the sociocultural, historical, and political contextualization of literary works, moving away from aesthetic principles. This theoretical and methodological shift has generated tensions between the preservation of literature as an autonomous art and its reading as a cultural practice embedded in power systems that supposedly should promote a certain historical reparation by making new voices visible, relegating aesthetics and scientific rigor – at least that proposed by Coutinho – to a secondary plane. This is because, on the one hand, Coutinho's idea of science is intimately linked to immanentist currents, that is, Slavic formalism, structuralism, and stylistics. On the other hand, Culture Studies, that I call post-aesthetics,

claim their own scientific rigor, which is strongly connected to sociology and anthropology. This article explores this transition, highlighting the relevance of Coutinho's thought and the new demands of the Literary Studies, which include interdisciplinarity and engagement with contemporary issues. Despite resistance to adopting broader approaches, Brazilian literary criticism has sought to balance analytical rigor and epistemological openness, promoting reflections that engage with both tradition and innovation.

Keywords: Afrânio Coutinho; Brazilian literary criticism; cultural studies; theory.

Introdução

A partir das últimas décadas, os estudos literários vivenciaram uma significativa transformação, com o avanço de abordagens que extrapolaram os limites estritamente literários para dialogar com questões culturais, políticas e sociais, fazendo da narrativa literária uma resistência por meio tema (Bosi, 1996). Essa mudança foi amplamente influenciada pelos Estudos Culturais, que passaram a ocupar espaço considerável no campo acadêmico, especialmente a partir dos anos 1980, período marcado pela crise de financiamento dos departamentos de literatura (Perrone-Moisés, 2016). Isso porque “foi com os Estudos Culturais, máxime em sua versão norte-americana, amplamente disseminada nas décadas de 1980 e 1990, que a Literatura Comparada realmente registrou um salto significativo no que diz respeito ao abandono da aura do literário” (Coutinho, 2025, p. 18). Quer dizer, a virada ética (Davis; Womack, 2001), pragmática (Couto, 2024) ou pós-estética (Souza, 2023a; Silva, 2025), como tenho preferido chamar, tornou-se hegemônica nos estudos literários. Não obstante, essa inflexão metodológica não ocorre sem críticas. Perspectivas teóricas como as de Leyla Perrone-Moisés (2016), Fabio Durão (2004) e Roberto Acízelo de Souza (2005) questionam a predominância de uma agenda militante, a qual, muitas vezes, reduz as obras literárias a pretextos temáticos, desconsiderando suas especificidades artísticas e literárias.

Essa dependência teórica reforça um panorama de “colonização intelectual”, problematizado por Silviano Santiago (1982; 2000), especialmente em sua reflexão sobre o entre-lugar do discurso latino-americano. Quer dizer, a importação de modelos estrangeiros só se torna produtiva quando acompanhada de deslocamentos críticos e reescrituras, como ocorreu, em chave histórica específica, na antropofagia modernista – não como modelo a ser repetido, mas como estratégia de apropriação cultural. Diante disso, este artigo investiga as implicações dessa mudança de paradigma nos estudos literários brasileiros, considerando tanto os avanços proporcionados pelos diálogos com as demandas culturais contemporâneas quanto as limitações impostas por uma crítica que, em muitos casos, se apresenta como reprodutora de ideias já consolidadas. Ao final, busca-se avaliar se é possível equilibrar o rigor literário e a pertinência cultural, promovendo uma crítica que não apenas reproduza modelos, mas também contribua para a autonomia e a renovação da teoria e crítica literárias no Brasil.

A crítica literária entre o enigma da forma

É notório que o *New Criticism* não teve das melhores recepções no Brasil, seja pela



acidez com que Afrânio Coutinho¹ divulgou a corrente, seja por outras questões que impedissem sua expansão de maneira mais efetiva nos estudos literários, mas é certo que ele teve especial importância: “Por outro lado, o *New Criticism*, que dominou os estudos literários e 1940 até 1960, deixou uma marca duradoura na forma que lemos e escrevemos sobre literatura” (Tyson, 2006, p. 135, tradução nossa)². O jornalista Franklin de Oliveira (1968) observou que o Modernismo de 22 pode ter sido um dos vilões da história, visto que esta estética pouco contribuiu para o avanço da crítica, fazendo com que se repetisse “o mesmo impressionismo de sempre” feito por Mário de Andrade, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Ronald de Carvalho entre outros. Aqui devemos considerar que trazemos à cena autores com estilos muito diferentes. Daí ser necessário certo balizamento e um olhar atento, mesmo que seja possível estabelecer uma conexão entre Coutinho e os críticos mencionados. Acaso o Modernismo de 22 não contribuiu para a ascensão e/ou o estabelecimento de uma crítica com rigor metodológico, como aquela defendida pelos *New Critics* e por Coutinho, há de se considerar que o Modernismo de uma forma ou de outra estremeceu os parâmetros vigentes na crítica daquela ocasião. Assim, ainda que possa haver certo impressionismo, não há que se considerar a existência do “mesmo impressionismo de sempre”.

Ao observar as correntes literárias em destaque e o “esforço salutar” para que se renovasse a crítica brasileira, comenta-se que, dentre outras coisas, duas situações são especiais para que a proposta de Coutinho sofresse resistência e tivesse pouca ressonância naquele momento. A primeira é que o *New Criticism* não é uma corrente literária, isto é, uma escola dotada de sistematização, mas “um somatório de tendências” (Oliveira, 1968, p. 3). O olhar de Franklin de Oliveira não está incorreto, de fato não se consolidou uma escola nos EUA, tampouco no Brasil, diferente do que ocorreu com o Formalismo Russo, com a Estilística Espanhola ou com o Estruturalismo Francês e Tcheco. Ao que parece a Nova Crítica tentou absorver o melhor de cada corrente, com especial atenção ao Formalismo Russo. Isso permitiria dizer, sem medo de errar, que a Nova Crítica se trata de uma vertente formalista.

Ainda que o *New Criticism* não tenha tido uma sistematização, é louvável o fato de “exigir que a crítica se centrasse na análise do texto como um universo que se baseia a si mesmo” (Oliveira, 1968, p. 3), visto que o texto literário, entendido como artefato verbal escrito dotado de trabalho estético, já possuiria tudo o que seria necessário para que fosse plenamente analisado. Se algo está faltando ou se estamos diante de uma obscuridade, de certo tratar-se-ia de uma obra ruim. Tendo isso em mente poderia, então, realizar o juízo de valor, ou seja, hierarquizar a boa e a má literatura considerando o fato dela ter ou não

¹ Cumpre observar que Lauro Escorel, em 1948, comentou com Drummond sobre o desejo de escrever uma antologia sobre o *New Criticism*. Segundo Vagner Camilo (2009), a carta data de 24/07/1948, que integra o acervo de correspondência passiva de Drummond, que está na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Pesquisamos, mas não encontramos nenhum trabalho de Lauro Escorel nesse sentido.

² “On the other hand, *New Criticism*, which dominated literary studies from the 1940s through the 1960s, has left a lasting imprint on the way we read and write about literature” (Tyson, 2006, p. 135).

tudo o que precisaria.

Uma segunda hipótese para a perda de prestígio do *New Criticism* no Brasil, segundo Franklin de Oliveira, é o tipo de literatura realizada no país. A crítica imanente se depara, então, com uma carência de obras que pudessem ser analisadas sob o crivo rigoroso da corrente anglo-norte-americana. Não porque ao longo dos anos 1900 foram escritas más literaturas no Brasil, mas, sim, porque

do ponto de vista formal, é carente de valores estéticos. Nela predominam a improvisação, o desamor pela estrutura fraseológica montada segundo as leis da arte literária – é uma literatura fala muito mais pelos que têm a bossa de escrever, do que pelos que possuem consciência de artesanato literário (Oliveira, 1968, p. 3).

Evidentemente ele está falando das obras modernistas, que tiveram como uma das principais características uma ruptura com a linguagem romântica e parnasiana, que, segundo eles, era direcionada à elite e não representava uma real brasilidade. É importante salientar que se trata da visão de alguns críticos da época, que estavam, ainda, presos a uma determinada lei estética. Em nenhuma medida, trata-se de um fato consumado, isto é, que todo o Modernismo foi pura improvisação.

Diante da necessidade de romper de uma vez por todas com os laços coloniais e com enorme vontade de antropofagizar a arte, o desprezo pela estrutura, excetuando-se nomes como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa etc., da linguagem, fez com que o *New Criticism* não funcionasse plenamente, mesmo porque tal corrente está, como comentamos, especialmente conectada ao Formalismo Russo que tem sua concepção na linguagem romântica. Talvez se a proposta de Coutinho tivesse sido exposta 40 ou 50 anos antes, a Nova Crítica teria sido mais bem recepcionada, explorada e aproveitada no Brasil.

Se por um lado Adorno e Horkheimer discutem o envelhecimento da arte, apontando para a perda de sua vitalidade crítica e a transformação das obras em meros produtos culturais, por outro, é possível discutir o envelhecimento das próprias críticas, especialmente aquelas que se fixam, supostamente, em paradigmas estéticos já ultrapassados, superados ou descolados da realidade social. A reflexão dos pesquisadores transcende o debate estilístico superficial, dirigindo-se a questões mais profundas sobre a função e a essência da arte em um contexto de crescente reificação. Adorno e Horkheimer apontam que a concepção de “leis estéticas” (uma visão Coutiniana) “é uma fantasia romântica retrospectiva” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 107), sugerindo que tal visão não apenas simplifica, mas anula a complexidade intrínseca da criação artística ao subordiná-la a regras fixas e pré-estabelecidas. Quer dizer, Adorno e Horkheimer criticam uma estética fixa, sem mutações, entretanto defendem a forma como resistência. Dito isso, parece que o erro de Coutinho foi justamente a rigidez com que atingiu o alvo, não o alvo (a centralidade inegociável do texto).

Nesse contexto, a verdadeira grandeza dos artistas não reside em sua capacidade de seguir um estilo ou uma estética monumental, mas em sua habilidade de integrar o estilo



em suas obras como uma resposta crítica à desordem do sofrimento humano, uma “verdade negativa” que resiste à diluição mercadológica: “acolheram o estilo em sua obra como uma atitude dura contra a expressão caótica do sofrimento, como verdade negativa” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 107). A crítica coutiniana, ao se apegar a uma concepção, talvez, anacrônica de estética, parece desconsiderar essa dimensão crítica e dialética da arte, que nos parece ter sido bem resolvida por Antonio Candido.

Assim, ao se prender a paradigmas estilísticos fixos, a crítica coutiniana já nasce envelhecida, incapaz de captar as novas formas de expressão que emergem do contexto contemporâneo. Essa questão, somada às intransigências e falta de tato de Coutinho com a multiplicação pelo progressismo transfigurado na Literatura Comparada, certamente, contribuíram para a morte da Nova Crítica de Afrânio Coutinho. Portanto, o desafio atual consiste em repensar essa crítica à luz do presente, resgatando a forma não como uma imposição externa, mas como uma manifestação da luta interna da obra contra a reificação. Trata-se de revisitar e revitalizar a crítica, permitindo que ela se torne novamente relevante e sintonizada com as transformações contínuas da arte e da sociedade, sem que isso signifique sociologismos de diferentes sortes. Isso porque entendemos que a literatura não necessariamente é espelho “de referentes externos de qualquer espécie, nem ‘representação’ de conteúdos, seres ou substâncias”, antes, porém, “operação particular de recursos de gênero historicamente disponíveis, capazes de produzir certos efeitos de reflexo e representação, sejam de conteúdos, seres ou substâncias” (Pécora, 2018 [2001], p. 13).

O mesmo ocorreu com a Estilística espanhola e com o Estruturalismo francês, correntes que não encontraram “objeto e endereço” (Oliveira, 1968, p. 3) adequados para sustentar suas teorias no contexto literário específico. Essas correntes acabaram por se descolar das realidades culturais e artísticas locais, o que contribuiu para o seu esvaziamento crítico. Antonio Candido parece ter antecipado os riscos inerentes à adoção de métodos que não dialogassem de forma eficaz com o objeto de estudo. Sua abordagem, caracterizada por um processo dialético voltado para a análise integrativa, evitou que a crítica perdesse a sua “funcionalidade” (Oliveira, 1968, p. 3), demonstrando uma sensibilidade teórica que visava preservar a relevância da crítica literária ao longo do tempo.

Ao evitar rigidez excessiva e buscar uma crítica funcional, Candido garantiu que suas análises permanecessem pertinentes e aplicáveis a diferentes contextos históricos e literários. Este compromisso com a adaptabilidade crítica pode ser um dos fatores que explicam a razão pela qual Candido continua a ser uma referência central nos estudos literários brasileiros, enquanto Afrânio Coutinho amarga o ostracismo. Assim, a abordagem candiana, ao se manter aberta ao diálogo com as transformações culturais, conseguiu evitar o envelhecimento prematuro que afligiu outras correntes críticas. Propostas como a de Antonio Candido buscaram desenvolver uma estratégia analítica integradora, conciliando a análise imanente do texto com os chamados elementos “externos” – entre aspas –, pois tais aspectos, conquanto frequentemente tratados como exteriores numa perspectiva



metodológica, são, muitas vezes, constitutivos da obra literária.

Além do mais, a forma pode ser vista como um elemento unificador que atravessa diferentes correntes críticas, como o *New Criticism*, o Estruturalismo e o Marxismo, sugerindo uma preocupação comum com a estrutura interna das obras literárias, ainda que partam de pressupostos distintos. Não muito tempo depois, uma nova geração de críticos literários brasileiros, insatisfeita com os limites impostos pelas abordagens tradicionais, procurou resgatar a “crítica formal, mas em bases diferentes das preconizadas pelo New Criticism” (Oliveira, 1968, p. 3). Esse movimento foi parcialmente inspirado pelos princípios do Formalismo Russo, que oferecia uma nova perspectiva sobre a análise da forma literária, mais flexível e sensível às especificidades do texto. Entre os expoentes dessa nova geração, destacam-se os críticos Haroldo e Augusto de Campos, cuja obra reflete uma síntese original entre o formalismo e o pós-estruturalismo. Este último teve um impacto decisivo na formação de suas ideias, permitindo-lhes transcender os limites do formalismo puro e incorporar uma crítica mais complexa e dialética. Nesse contexto, os irmãos Campos, juntamente com Décio Pignatari, romperam com o Clube de Poesia, considerado por eles demasiado conservador, o que simbolizou uma ruptura não apenas estética, mas também ideológica com os poetas da Geração de 45 (Holanda, 1996). Esse afastamento marcou um momento de renovação na crítica literária brasileira, abrindo caminho para abordagens que, embora formais, não se limitavam à análise estruturalista tradicional, mas incorporavam uma crítica engajada com as transformações culturais e sociais em curso.

De maneira mais pragmática, o método do *New Criticism* era o *close reading*, ou se pensarmos no francês, o *explication de texte*, que visava identificar as tensões e ambiguidades presentes no texto de maneira formal, explicá-las e tentar resolver no plano da crítica o que está estabelecido e posto no plano da unidade criadora (texto literário). O objetivo da neocrítica é; portanto, identificar as técnicas utilizadas que causam um determinado efeito no leitor (Teixeira, 1998). Em outras palavras, quais elementos no texto causam tensão, ironia, paradoxo etc., e como eles causaram isso? Há de se tomar cuidado para não adentrar na falácia da emoção, isto é, investigar a emoção ou mesmo o efeito causado no leitor. Isso não importa aos seguidores do *New Criticism* (Teixeira, 1998).

Com isso, compete ao crítico identificar e compreender o correlato objetivo, termo cunhado por um dos fundadores do *New Criticism*, T.S Eliot³, que publicou as bases dessa nova corrente em *Tradition and the individual talent* publicado pela primeira vez em 1919. A teoria em torno do correlato objetivo pode ser verificada no trabalho *Hamlet and his problems*. Para Eliot o texto literário não era resultado de uma experiência pessoal, mas “uma forma de apropriação pessoal da tradição literária, em que a visão individual das coisas deve, essencialmente, se transformar em sabedoria técnica” (Teixeira, 1998, p. 34).

Podemos olhar diretamente para o último capítulo de *Vidas Secas*, “Baleia”. É claro

³ Eliot não foi propriamente o fundador do movimento, mas foi um guia. Mas por falta de melhor termo, faço esse uso. Deixo como sugestão a leitura de *New Criticism*, de Keith Cohen. Ele apresenta um pequeno panorama, desde quando o termo foi utilizado pela primeira vez por Joel Spingarn até pressupostos fundamentais da corrente.

que todo o correlato objetivo é construído ao longo de toda a narrativa. Não obstante, podemos nos limitar ao último parágrafo para efeito de exemplificação. Poder-se-ia simplesmente dizer “A cachorra morreu”. Entretanto, há uma poética, existe uma singularização que nos chama atenção e nos emocional, a linguagem chama atenção para si mesma. Esse trecho da obra é conhecido por emocionar os leitores. Isso não ocorre aleatoriamente. Há um motivo. Não se trata só do conteúdo (a morte da cachorra), mas de todo um trabalho do evento (leia-se conteúdo), mas mormente de estética para isso. Graciliano Ramos constrói uma atmosfera singular para que a morte da cachorra gere algum impacto em quem se aventura por essas linhas. Esse trabalho é o que T.S. Eliot chamou de correlato objetivo. Vejamos:

O efeito de uma obra de arte sobre uma pessoa que a aprecia é uma experiência diferente de qualquer outro tipo de experiência que não a arte. Pode ser formado por uma emoção, ou pode ser a combinação de várias emoções e vários sentimentos inerentes ao escritor, palavras, frases, imagens, podem ser adicionados para compor o resultado final. Ou a grande poesia pode ser feita sem usar diretamente qualquer emoção: composta por sentimentos apenas (Eliot, 1919, p. 72, tradução nossa).⁴

Diante disso, para Thomas Stearns Eliot o objetivo central, melhor, o objeto de investigação e análise do crítico literário deve ser o correlato objetivo. Ou seja, cabe ao crítico identificar os arranjos presentes no poema que despertam emoções no leitor. Afinal, assim como o diretor de cinema o poeta “seleciona e dispõe os elementos de tal forma, que, uma vez vislumbrados na leitura, desencadeiam imediata reação emocional” (Teixeira, 1998, p. 34).

Além disso, o estado emocional da personagem deve estar alinhado ao discurso, sem o qual não terá uma objetividade, logo o correlato objetivo estará prejudicado:

O único modo de expressar emoções na forma artística é encontrar um “correlativo objetivo”; em outras palavras, um conjunto de objetos, uma situação, uma cadeia de eventos que será a fórmula daquela emoção particular; de tal forma que quando os fatos externos, que devem terminar na experiência sensorial, são dados, a emoção imediatamente evocada (Eliot, 1920, p. 92, tradução nossa).⁵

De certo modo, a crítica de Eliot a Shakespeare, em especial a *Hamlet*, é justamente um descompasso entre emoção e discurso. Isso porque

[...] as palavras de Macbeth ao saber da morte de sua esposa nos impactam

⁴ The effect of a work of art upon the person who enjoys it is an experience different in kind from any experience not of art. It may be formed out of one emotion, or may be a combination of several; and various feelings, inhering for the writer in particular words or phrases or images, may be added to compose the final result. Or great poetry may be made without the direct use of any emotion whatever: composed out of feelings solely (Eliot, 1919, p. 72).

⁵ The only way of expressing emotion in the form of art is by finding an “objective correlative”; in other words, a set of objects, a situation, a chain of events which shall be the formula of that particular emotion; such that when the external facts, which must terminate in sensory experience, are given, the emotion is immediately evoked (Eliot, 1920, p. 92).

como se, dada a sequência de eventos, tivessem sido proferidas automaticamente pelo último acontecimento da série. A “inevitabilidade” artística reside nessa completa adequação do externo à emoção; e é precisamente isso que falta em Hamlet (Eliot, 1920, p. 92, tradução nossa)⁶.

Ou seja, “A “inevitabilidade” da arte está nesta completa adequação do externo à emoção; é precisamente isso que há de deficiente em Hamlet [...]” (Eliot, 1920, p. 92, tradução nossa),⁷ explica que o protagonista

[...] é dominado por uma emoção que é inexplicável, porque está para além dos fatos tal como eles aparecem. A suposta identidade de Hamlet com seu autor é genuína até este ponto: que a perplexidade de Hamlet frente a ausência de um objetivo equivalente aos seus sentimentos é o prolongamento da perplexidade do seu criador de frente de seu problema artístico (Eliot, 1920, p. 92, tradução nossa)⁸

Por conseguinte, a literatura deve ser julgada a partir de seus componentes objetivos, ela será boa se conseguir despertar o sentimento de terror em uma cena que se propõe a isso e ruim caso não consiga. Ademais, os componentes também permitem que outra pessoa replique o trabalho realizado, o que não seria possível caso não houvesse o correlato objetivo. Em pesquisas na área de biológicas, algo extremamente importante em artigos é que as experiências ali presentes possam ser replicadas por outros pesquisadores. Se o resultado não for o mesmo, algo está errado. Conforme já alertamos, não compete, porém, a análise destas emoções por nós ou pelos pesquisadores que propõe uma criticamente unicamente estética, isso fica a cargo dos seguidores da Teoria e Estética da recepção e do efeito.

Entre a Crítica Literária e os Estudos Culturais: reflexões sobre a teoria e a produção intelectual no Brasil

Acaso minorias foram apagadas ou tratadas de maneira indevida na literatura ocidental e na crítica de tradição textualista, os pós-estéticos fornecem uma nova perspectiva para a área. Nesse sentido: “a língua [...] não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (Barthes, 1980). Se Vladimir Propp ou Joseph Campbell revelaram as estruturas, para os pós-estéticos, elas não importam, porque, assim como as línguas, são fascistas. No entanto, ainda que se queira subverter a linguagem, a língua e/ou a estrutura, não seria *in totum* possível porque se faz necessário o uso do próprio código para tanto (Barthes,

⁶ the words of Macbeth on hearing of his wife's death strike us as if, given the sequence of events, these words were automatically released by the last event in the series. The artistic “inevitability” lies in this complete adequacy of the external to the emotion; and this is precisely what is deficient in Hamlet.

⁷ The artistic “inevitability” lies in this complete adequacy of the external to the emotion; and this is precisely what is deficient in Hamlet [...] (Eliot, 1920, p. 92).

⁸ [...] is dominated by an emotion which is inexpressible, because it is in excess of the facts as they appear. And the supposed identity of Hamlet with his author is genuine to this point: that Hamlet's bafflement at the absence of objective equivalent to his feelings is a prolongation of the bafflement of his creator in the face of his artistic problem (Eliot, 1920, p. 92).



1980). Quer dizer,

o texto literário deixa de ser visto nas suas articulações internas, como tessitura verbal autocentrada, passando a ser concebido como sintoma de circunstâncias psicossociais e avaliado por sua eficácia maior ou menor na intervenção em questões de políticas identitárias. O golpe é radical, pois implica mudança da referência filosófica dos estudos literários: sai a estética e entra a ética. Mas, em vez de acusar o golpe, e encarar o debate – afinal, acena-se com a extinção da disciplina, por perempção do seu objeto, diluído que estaria no ecletismo da cultura –, a saída tem sido seguir a rotina: mais uma encarnação da teoria da literatura – ou, concedendo um pouco, da teoria só, sem literatura, a qual, reduzida a sintoma e não mais considerada um valor em si mesma, já não importa muito –, e toque-se a vida (Souza, 2023b, p. 905).

Toda essa situação pode ter como motivo um esforço da universidade brasileira em querer promover algum tipo de *reparação histórica*, expressão que está em evidência nos últimos tempos, tornando a crítica menos literária e mais sociológica e cultural, por demanda de reivindicações de uma agenda que não a literária.

Nesse sentido, Leyla Perrone-Moisés, ao responder uma pergunta que equaciona crítica com ativismo político-ideológico, assevera que os Estudos Culturais “reduzem as obras à temática, tomando-as apenas como pretextos para a defesa (ou pior, para a pregação) de causas “politicamente corretas” (Perrone-Moisés; Andrade; Maia, 2016, p. 11). Em função da abertura pela Literatura Comparada, “a contextualização tornou-se uma palavra de ordem nos estudos comparatistas e o estético passou a ser visto como um valor entre outros, sempre associado a fatores de outra sorte, que incluem necessariamente o político” (Coutinho, 2025, p. 16).

Em um movimento de reação contra a supervalorização do estético, “que correspondeu, em grande parte, ao apogeu da chamada Escola Americana de Literatura Comparada, marcada primordialmente pela preocupação com o caráter autotélico do texto” (Coutinho, 2025, p. 18), houve uma tentativa de se mudar os paradigmas vigentes, colocando “em xeque o cunho universalizante das propostas de abordagem do fenômeno literário e dos padrões de avaliação, e voltou com força total a preocupação com o elemento histórico” (Coutinho, 2025, p. 18).

Como mencionamos anteriormente, nos anos 1980, os estudos literários estavam em maus lençóis nas universidades. Os departamentos corriam sérios riscos de fechamento, o que não aconteceu. No entanto, o financiamento, ou seja, as verbas destinadas ao fomento à pesquisa, foi drasticamente diminuído, quando não cortado, tal como ocorreu na Yale University. Ao comentar semelhante questão, Perrone-Moisés observou que os departamentos conseguiram driblar a questão incorporando temas de grande clamor público para os estudos literários:

[...] o patriarcalismo, o racismo antinegro, o puritanismo homofóbico, o multiculturalismo, a expressão pós-colonial em língua inglesa. Formaram-se, assim, vários grupos, cada qual aspirando à precedência e disputando



os destroços da velha literatura para usá-los como “ações afirmativas” (Perrone-Moisés, 2016, p. 32).

Com efeito, tem-se que a falta de financiamento, grosso modo, contribuiu para a consolidação e expansão dos estudos pós-estéticos no âmbito da literatura, o que teve como consequência a geração de uma

“balcanização” dos estudos literários, a submissão dos mesmos aos mal definidos “estudos culturais”, supostamente interdisciplinares, mas na verdade superficialmente informados pelas ciências humanas, até a condenação e o abandono puro e simples do “literário” (Perrone-Moisés, 2016, p. 32).

Para Leyla Perrone-Moisés: “esses trabalhos desprezam a especificidade da arte das palavras, elogiam ou condenam obras do passado em função de ideologias posteriores a elas” (Perrone-Moisés; Andrade; Maia, 2016, p. 11). Durão completa:

20. Embora as novas abordagens de análise literária sejam diretamente motivadas por questões que estão no cerne do debate político, as leituras que decorrem dessas abordagens não estimulam uma discussão produtiva das ideias, suposições e desejos por detrás delas. A crítica literária, na realidade, não é uma arena adequada para o debate político; ela o desvia para longe do seu alvo;
21. A teoria pós-colonial não respeita a integridade das obras que critica [...] (Durão, 2011, p. 46-48).

Professores contrários ao que estava acontecendo nos departamentos de literatura promoveram grandes esforços para que o “literário” não se perdesse. Como consequência dessa resistência surgiu a *Association of Literary Scholars and Critics*. A associação tinha, dentre outros, o objetivo de proteger a crítica literária intrínseca, pautada no estético, além de promover o diálogo e a expansão do campo, mas sem cair no sociologismo. A entidade mantém-se ativa, tendo como missão “promover excelência em crítica literária e pesquisa, e garantir que a literatura prospere em ambientes acadêmicos e criativos”⁹ (ALSCW, 2025, tradução nossa).

O desprestígio do *New Criticism* alcançou seu mais alto nível quando autores como Ezra Pound, que era antissemita, recebeu o Prêmio Bollingen pela elevada qualidade do livro de poemas, *Pisan Cantos*, de Pound. Isso sucedeu uma retaliação, pois seus posicionamentos “já são conhecidos” (Cusset, 2008, p. 54). Há de se observar, no trabalho crítico, um cuidado para que não se confunda obra com autor. Ao que parece alguns críticos não souberam (ou não quiseram) fazer esta distinção, ao passo que outros trataram exclusivamente da obra: “Isso provocava a ira de toda a esquerda intelectual, e os jurados respondem, a título de justificativa, que ‘**considerar qualquer outra que não seja a estrita qualidade da obra poética**’ seria uma grave ameaça “**contra a sociedade civilizada**”

⁹ “to promote excellence in literary criticism and scholarship, and to ensure that literature thrives in both scholarly and creative environments” (ALSCW, 2025).

(Cusset, 2008, p. 55, grifo nosso).

Assim, “[a] emergência de novas formas literárias e políticas [...] acaba de desestabilizar o *New Criticism*, assinalando sua insustentável indiferença à política dos textos” (Cusset, 2008, p. 56). Diante do exposto, os esforços da Associação supramencionada de críticos que tentaram manter a tradição, alguns deles de maneira bem feroz, como Harold Bloom (1997) com *O Cânone Ocidental*, acabou por promover o efeito contrário:

Como era de esperar, houve reações a esse estado de coisas. Infelizmente, as primeiras foram reações conservadoras, tanto do ponto de vista político como do ponto de vista pedagógico. Um grupo de professores fez dissidência da Modern Language Association e criou a pomposamente denominada Association of Literary Scholars and Critics. Alguns de seus membros, teóricos como E. D. Hirsch, John Ellis e Roger Shattuck, mal disfarçavam suas posições retrógradas, moralistas e preconceituosas. Harold Bloom, respeitado professor da Universidade Yale, saiu a campo por conta própria, defendendo idiossincrática e raivosamente O cânone ocidental (1994). **Esse tipo de defesa em nada contribuiu para o resgate do ensino literário; pelo contrário, só reforçou os argumentos dos culturalistas atacados** (Perrone-Moisés, 2016, p. 32, grifo nosso).

No mais, a luta incansável pela autotelia não contribuiu para a imanência do objeto. Bem divulgada pelo simpatizante ao *New Criticism*, Stanley Hyman, em *The Armed Vision* (1948), argumentava-se “que a autotelia não representava uma pretensão absurda, mas simplesmente o ‘fundamento de toda a crítica nova’” (Camilo, 2020, p. 207). Essa problemática foi discutida por diversos teóricos. De encontro a Hyman, Cleanth Brooks, um dos maiores defensores do *New Criticism*, conforme assinalado por Buarque de Holanda (1996), afirmou que essa (a proposição de Hyman) seria uma “definição tão grosseiramente radical acarretaria antes um sério dano do que um lucro tangível” (Hyman, 1948 *apud* Holanda, 1996, p. 410-411). Diante disso, Stanley Hyman, “canhestro divulgador e polemista [...]” (Camilo, 2020, p. 208), que objetivava “exaltar, acabava, assim, por comprometer de vez a corrente crítica que se propunha defender” (Camilo, 2020, p. 208).

A absorção dessas ideias no Brasil é tema de grande crítica por teóricos brasileiros, como Roberto Schwarz (em relação à teoria europeia) e Fabio Durão (em relação à teoria norte-americana). De um lado, Roberto Schwarz (1987, p. 30) condena a escolha sem critérios do “new criticism americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção” como teorias a serem aplicadas no Brasil, agora elas deram lugar aos estudos culturais, estudos midiáticos, estudos feministas, estudos queer, estudos decoloniais, estudos ecológicos sem que nada disso tenha um impacto real para os estudos literários enquanto uma área disciplinar que trata da literatura. De outro, Durão, em *Metodologia de pesquisa em literatura*, alerta para a rapidez com que as Teorias norte-americanas, isto é, a *Theory*, que abarca os *Studies*, têm sido introduzidas no mundo acadêmico brasileiro por meio de uma importação desenfreada.

Essa situação coloca-nos dependentes de teorias desenvolvidas pelo Norte e pela



Europa, notadamente Estados Unidos e França. Depreende-se, por conseguinte, que é preciso haver uma força contrária, isto é, que não se resume a “simples conjecturas ou palpites de trabalhadores antigos, nem sempre armados da visão crítica [...] na repetição de geração, de juízos apressados, mal formulados ou injustificáveis, de críticos inseguros ou errados”, conforme aduziu Afrânio Coutinho (1969, p. 49) ao fazer uma discussão sobre a crítica no Brasil que naquela ocasião, 1955, contava com um crescimento exponencial de jovens talentos aos moldes de uma crítica científica que estavam assentando as cátedras e promovendo uma “revolução” (Coutinho, 1969, p. 49).

Desta feita, não existiria criação científica, teórica e mesmo ideológica pelos pesquisadores brasileiros, o que gera pouca contribuição para a autonomia e para o avanço dos estudos literários brasileiros. Dentro desse cenário, merece destaque a reflexão realizada pelo titular de teoria literária da Unicamp, Fábio Durão:

Um crítico desconstrutivista tenderá a procurar uma oposição binária fundadora do texto para em seguida revertê-la, mostrando que **o termo excluído seria na realidade condição de possibilidade de existência daquele que o excluí**; o feminismo atentarà para o papel das personagens femininas, se elas se adequam ou repudiam a ordem patriarcal; o pós-colonialismo buscará identificar procedimentos de dominação sobre o chamado terceiro mundo; a teoria queer recortará indícios textuais que articulem a normatização da sexualidade e consequentemente o que deve ser encarado como “desvio”, e assim por diante. **De um certo ponto de vista, como veremos, esse modo de proceder é legítimo porque, a rigor, conhecimento novo está sendo produzido. Contudo, a esterilidade das conclusões, a reiteração cansativa de ideias já dadas em objetos simplesmente novos são gritantes** (Durão, 2020, p. 12, grifo nosso).

Se por um lado os beletristas brasileiros, que em sua maioria opõem-se ao capitalismo e ao neoliberalismo (sobretudo após os resultados das eleições de 2018), buscam maior criticidade e menos automatização para lidar com problemáticas de diversas sortes, por outro parece haver uma variável destoante neste equacionamento. Conquanto advoguem pela autonomia reflexiva e se dizem críticos, acabam por atenderem “adequadamente às demandas do capitalismo tardio – isto é, à produção incessante e acelerada de novas teses, novos modos de vida e novas moralidades, nos quais o “novo” se torna um valor em si mesmo” (Pinezi, 2022, p. 444).

Se por meio do romantismo e modernismo brasileiros tentaram os escritores evocar uma brasilidade na arte literária, de modo a romper com os laços coloniais, a academia parece realizar o contrário. Cada vez mais enlaça-se as teorias estrangeiras, desse modo pouco se produz de teoria literária no Brasil, restando apenas uma reprodução do que já foi feito em países colonizadores, notadamente a França e, especialmente, Estados Unidos em razão de seu poder hegemônico.

O que parece existir hoje é uma teoria da cultura e uma crítica da cultura (Santiago, s./d.), que teve grande influência de Silviano Santiago, pois foi um dos difusores do pós-estruturalismo, dado que em *Vale quanto pesa*, deixou claro que só haveria de ocorrer certa

democratização do sistema literário caso existisse a adição de elementos exógenos/extrínsecos (Santiago, 1982).¹⁰

Ademais, os estudos literários quando se prestam ao estudo científico¹¹ da literatura busca convencer o interlocutor de algo: “nos estudos literários, o equivalente do verificável é o convincente; de posse de duas leituras diferentes da mesma obra, será mais verdadeira aquela que for mais persuasiva” (Durão, 2020, p. 22). Guardadas as proporções, é mais fácil convencer de que a personagem Alma, do conto de Itamar Vieira Jr., é um exemplo de resistência e persistência da mulher, que a todo tempo é subalternizada por conta de um sistema estrutural e institucional que rege a sociedade patriarcal e capitalista, do que realizar um trabalho de fôlego em análise de espaço, enredo, personagem, foco narrativo, léxico, ainda que seja para identificar como o externo se torna interno.

Esse tipo de crítica feita por meio da *Theory* e do Pós-estético contribui para um falseamento de teorias (Pinezi, 2022), o que já foi objeto de discussão por Fábio Durão (2020; 2024). Pouco se discute a teoria literária, melhor: pouco se faz crítica da teoria literária e crítica da crítica. Em uma sistematização maior do estado da crítica atualmente, Durão observa que este é um fenômeno que automatizou de forma que tem sido aplicado em diferentes instituições do país.

Com efeito, grande parte das dissertações e teses defendidas no Brasil voltam-se para: (1) obras específicas; (2) autores determinados; (3) movimentos literários; (4) comparações de textos. **Poucas vezes se faz uso da liberdade oferecida pela pesquisa para construir questões originais; quando muito, ela ampara-se no horizonte de um autor, por meio de uma preposição: a utopia em Manuel Bandeira, a modernização em Mário de Andrade** (Durão, 2020, p. 39, grifo nosso).

A solução para tal situação proposta por Durão guarda semelhanças com a de Afrânio Coutinho: leitura cerrada e crítica científica: “o desejável [...] seria um método de leitura que limitasse o horizonte da causalidade e do comparativismo, de modo a aproximar a interpretação do necessário e do obrigatório e não do contingente e do caprichoso, aproximando-a assim da ciência” (Durão, 2020, p. 38-39). Ocorre que é um trabalho que para alguns está superado. Com o *boom* dos estudos culturais, seria utópico pensar que a universidade voltaria seus esforços para trabalhos narratológicos ou metateóricos, o que para muitos seria uma atitude reacionária. Indo além, Pinezi assevera:

Mas essa nova relação só será possível quando professores e programas de pós-graduação incentivarem e financiarem pesquisas que busquem não

¹⁰ Muito da fala de Silviano Santiago tem a ver com uma espécie de sacralização e elitismo nos meios culturais, tanto em relação a obra, leitores e escritores. Se naquela ocasião os pertencentes a esse sistema literário faziam parte uma elite cultural e não raramente de uma econômica, fazia-se necessário a expansão do sistema para incluir as diversas camadas sociais, para que fosse possível de ocorrer os mais pobres devem “alçar à condição de leitor ou à de romancista” (Santiago, 1982, p. 25-29).

¹¹ Durão muito embora seja um teórico mais conservador, parece pensar os estudos literários não como uma ciência no caso em questão. Nesse ponto, discordamos fatalmente por entendermos que, sim, plenamente possível, por meio do *close reading*, encontrarmos o “verificável”, de modo que não se trata apenas de persuasão.

simplesmente aplicar, mas elaborar teorias. Seria preciso, então, discutir entre nossos pares se, diante da atual crise institucional, a nossa “máquina” estaria disposta a abdicar de sua função de reificar a realidade, tal como a indústria cultural, para de fato investigá-la (Pinezi, 2022, p. 451).

Nesse bojo, a *Theory* não é mais do que uma nova hegemonia (Durão, 2004) que em alguma medida se desenvolveu para libertar os oprimidos, não obstante quando isso ocorre acaba por se tornar a opressora do sistema: “o que parecia um movimento universal de libertação e democratização do pensamento estava, de fato, articulado a uma crescente hegemonia norte-americana da produção de conhecimento” (Durão, 2004, p. 82). A ascensão da *Theory* na academia americana e sua chegada no Brasil decretou a “morte” da Teoria Literária. A supressão do adjetivo “literário” ou da locução adjetiva “da literatura” a fim de tornar a Teoria Literária um campo mais aberto, de certo modo reduziu a literatura a um papel de servidão em que ela está a serviço de outras demandas que não as dela mesmo.

Valendo-se de Patai e Corral (2005), autores da obra *Theory’s Empire: An Anthology of Dissent*, Fabio Akcelrud Durão rastreia alguns pontos em que os autores se colocam contra a *Theory*, dentre vários outros, listam-se os seguintes:

2. A Teoria está destruindo os estudos literários; ela não distingue tipos de escrita (incluindo a diferença entre obra ficcional e discurso crítico); ela é incapaz de lidar com questões de valor e verdade, potencialmente igualando pornografia e Goethe (René Wellek);
3. A desconstrução põe fim ao chamado *practical criticism*, a leitura atenta aos textos em si, porque meramente os usa para corroborar posições já dadas de antemão;
4. A Teoria não realiza a leitura cerrada, o *close reading*, que alimentava o *practical criticism*. Quando se atém ao detalhe, não respeita a integridade da obra como uma totalidade que determina suas partes. Os fragmentos de textos são retirados de seus contextos e podem querer dizer quase qualquer coisa; [...]
6. A crítica que se volta para questões de gênero sexual, raça e classe não está disposta a entrar no debate franco de ideias; ela funciona apenas segundo uma lógica antagonística e partidária, oferecendo interpretações que no fundo são normativas. Para além disso, a Teoria como um todo não propõe argumentos que possam ser refutados, mas enunciados dogmáticos com os quais se deve simplesmente concordar e reprovar. [...]
8. Ao perder sua transitividade, por não ser mais teoria de alguma coisa, a Teoria converteu-se em pura instituição [...];
10. A Teoria suprime o referente; para tanto, ela tem de fazer-se cega à natureza dêitica da linguagem. [...]
13. A Teoria forma um clã de iniciados que exclui aqueles que não são capazes de dominar seus complexos sistemas teóricos, ou simplesmente não se interessam em fazê-lo. [...]
20. Embora as novas abordagens de análise literária sejam diretamente motivadas por questões que estão no cerne do debate político, as leituras que decorrem dessas abordagens não estimulam uma discussão produtiva das ideias, suposições e desejos por detrás delas. A crítica literária, na realidade, não é uma arena adequada para o debate político; ela o desvia para longe do seu alvo [...]. (Durão, 2011, p. 42-47).

Nesse sentido, partilhamos da ideia de Roberto Acízelo de Souza (2023c) quando assinala que a proposta de Teoria é uma aberração. A Teoria pressupõe um objeto, e até onde sabemos o objeto da teoria da literatura é a literatura. Questão endossada por Fabio Akcelrud Durão ao observar que a *Theory* é deletéria, porquanto

[...] o conceito deseja ser objeto de si mesmo, sem de fato consegui-lo, faz sentido voltar-se para um escopo expandido de artefatos, que inclua a cultura em seu sentido antropológico mais amplo, agora concebida como conjunto total de práticas significantes de determinado grupo ou sociedade (Durão, 2024, p. 28).

Completa:

[...] a abertura para produtos de alta padronização da indústria cultural mostra-se vantajosa, pois a falta de complexidade facilita o processo de manipulação conceitual de conteúdos, que podem ser facilmente separados do todo, do qual frouxamente fazem parte, e acoplados a discussões teóricas (Durão, 2024, p. 28).

Nessa esteira, a literatura não é um complemento da Teoria, assim como a Teoria tampouco o é da literatura. A supressão da literatura demonstra um movimento anti-literatura realizado, ironicamente, por professores de literatura¹². Ao discutir o tema Durão observa que “A Teoria precariza a concepção tradicional de disciplina e instaura a transdisciplinaridade como seu próprio princípio de funcionamento” (Durão, 2004, p. 84). É de conhecimento notório que a literatura perdeu significativamente seu prestígio para sociedade (Perrone-Moisés, 2016), mantendo-se viva por ocorrência dos estudos acadêmicos dentro da universidade e por sublitteraturas.

Outrossim, quem busca colocar em evidência a Teoria da Literatura puramente pode encontrar alguma resistência dentro da academia a ponto de ter que lidar com as consequências: “Aqueles que tentam conter a Teoria, remetendo-a à teoria literária, se vêem obrigados a pagar um alto preço por isso” (Durão, 2004, p. 85). Financiamentos, projetos de pesquisa, entre outras oportunidades podem ser perdidas por uma atitude, digamos, mais conservadora. Situação em nada inédita. Leyla Perrone-Moisés (2016), no livro *Mutações da literatura no século XXI*, observa que os departamentos de literatura na década de 80 sofreram cortes sucessivos de verbas. A situação foi contornada pelos professores que se curvaram à *Theory* e aos *Studies*, que tiveram grande concentração de

¹² Basta que lembremos das insinuações de Terry Eagleton em Teoria da literatura: uma introdução ou, para sinalizar um caso brasileiro, as falas da deputada federal Duda Salabert, formada em Letras e professora de Literatura e Teoria Literária há mais de 20 anos, quando em um podcast publicado em seu próprio Instagram (@duda_salabert, <https://www.instagram.com/p/DRdbnRgjQf1/>) em 24 de novembro de 2025, afirmou que chegava em suas aulas na UFMG e “os professores estavam discutindo o olhar de Capitu”. Para ela, tratava-se de algo desnecessário, uma vez que as discussões deveriam ser para “transformar a realidade do Brasil”. Ela questiona em que esse tipo de produção científica “ajudou a combater a desigualdade social”. A visão da sra. Salabert é assustadoramente bancária e imediatista. Sua fala descompromissada e irresponsável gerou reações imediatas, tanto daqueles mais alinhados aos estudos culturais como dos mais formalistas. Ora, o que deveria se discutir num curso de literatura senão o olhar de Capitu, as artimanhas de Paulo Honório ou a ironia e certa hipocrisia presentes em Quincas Borba?

verba, sob um suposto movimento de reparação histórica, conforme comentamos anteriormente.

A miscelânea que é a Teoria hoje inexoravelmente “anunci[ou] assim a morte da figura, outrora tão sólida e inquestionável, do especialista” (Durão, 2004, p. 87). Para poder abarcar os diferentes objetos e teorias, é necessário que as fronteiras do literário sejam derrubadas, tornando-se uma espécie de “vale tudo”, o que desemboca em “o risco de perder em rigor e segurança aquilo que ganha em maleabilidade e poder de associação” (Durão, 2004, p. 87).

Durão tensiona os campos ao dizer que “Quem não os conhece, fica alijado pelo imperialismo da Teoria” (Durão, 2004, p. 88). Com o objetivo de aprofundar o entendimento de Durão, mobilizamos as reflexões de Jonathan Culler – importante teórico da literatura que pertenceu à 3ª geração de tratados e manuais, conforme aponta Roberto Acízelo (2018) – chega à mesma conclusão, sem deixar de pôr uma pitada de ironia:

[a] teoria é, portanto, uma fonte de intimidação, um recurso para constantes roubos de cena: “O quê? Você não leu Lacan! Como pode falar de lírica sem tratar da constituição especular do sujeito?” Ou “como pode escrever acerca do romance vitoriano sem usar a explicação que Foucault dá sobre o desenvolvimento da sexualidade e sobre a histerização dos corpos femininos e a demonstração que Gayatri Spivak faz do papel do colonialismo na construção do sujeito metropolitano?” Às vezes, a teoria se apresenta como uma sentença diabólica que condena você a leituras árduas em campos desconhecidos, onde mesmo a conclusão de uma tarefa trará não uma pausa mas mais deveres difíceis. (“Spivak? Sim, mas você leu a crítica que Benita Parry faz de Spivak e a resposta dela?”) (Culler, 1999, p. 23-24).

Diversos objetos são apreciados pela Teoria, mas, ao que tudo indica, a literatura não representa um terço do todo. Ao levantarem problemáticas de caráter metateórico não o fazem sobre a Teoria Literária, mas sobre os estudos culturais, pós-coloniais, gays, raciais, em uma corrente explicitamente marxista, sendo nesse sentido “leis completas à aplicação” (Lima, 1995, p. 31), questão já discutida por Allan Tate (1948). Tudo isso em um movimento representacional “fora do universo ficcional e sua ancoragem em outro espaço enunciativo, o do discurso da teoria, que agora se torna praticamente independente em relação ao objeto literário, constituindo-se em uma esfera semi-autônoma” (Durão, 2009, p. 291), sendo a obra e sua análise um instrumento ideológico e não literário, situação que nos lembra o uso da literatura para dominação dos trabalhadores ingleses por seu governo:

A literatura habituará as massas ao pensamento e sentimento pluralistas [...] Transmitiria a elas a riqueza moral da civilização burguesa, a reverência pelas realizações da classe média e, como a leitura da obra literária é uma atividade essencialmente solitária, contemplativa, sufocaria nelas qualquer tendência subversiva de ação política (Eagleton, 2019, p. 38).

A experiência realmente empobrecida da massa de pessoas, empobrecimento esse resultante de suas condições sociais, pode ser suplementada pela literatura: em lugar de trabalhar para modifica essas condições [...], pode-se satisfazer indiretamente o desejo que alguém tenha



de uma vida mais plena, dando-lhe para ler *Orgulho e preconceito* (Eagleton, 2019, p. 40).

Se em ocasião anterior, Costa Lima disse que o marxismo via a literatura “como instrumento ideológico e como a inclinação em encará-la como simples respostas ou reflexo a uma situação dada” (Lima¹³, 1995, p. 31), adiciono nesse compilado a Teoria e Crítica Literárias (que são da cultura!) feitas atualmente baseada nos *studies*.

Destarte, aquele que tenta manter-se dentro de uma tradição mais conservadora precisa inevitavelmente se reinventar: “uma insatisfação com os limites de uma dada forma de saber, tornam-se agora um pré-requisito para a sobrevivência dos grandes nomes da Teoria, que para permanecerem citáveis devem periodicamente cometer atos de infidelidade contra si mesmos” (Durão, 2004, p. 90).

O ato de *autoinfidelidade* aludido por Fabio Durão remonta, quiçá, desde os primórdios dos estudos literários. Recuando apenas um pouco no tempo, a primeira metade do século XX experimentou diversas e duras ditaduras esquerdistas ao redor do globo. Para citar apenas um exemplo pode-se colocar em cena a Bulgária, que naquela ocasião fazia parte do bloco comunista, promovendo censuras em diferentes veículos de comunicação, artísticos ou não. O governo e professores universitários, conforme relata Tzvetan Todorov, valiam-se da literatura como ferramenta de dominação ideológica: “as obras estudadas eram medidas pela escala da conformidade ao dogma marxista-leninista” (Todorov, 2009, p. 16)¹⁴. Para fugir do paradigma imposto pela sociedade e pela universidade, Tzvetan, como muitos, em público, concordava com os ideais esquerdistas autoritários, malgrado, em particular, os desprezasse. Isso não é diferente do que ocorreria especificamente nos Estudos Literários por volta dos anos 90 do século XX: “Estudar a literatura como arte, com base em critérios estéticos universalizantes, tornara-se politicamente incorreto. A própria palavra “estética” passou a ser considerada como um palavrão idealista, logocêntrico e patriarcal” (Perrone-Moisés, 2016, p. 32), denunciando que os “professores de ‘literatura literária’ sentiam-se intimidados e mesmo acuados” (Perrone-Moisés, 2016, p. 32).

Próximo ao fim de sua graduação, fazia-se necessária a apresentação de um estudo monográfico. Todorov, então, escreveu um trabalho nos vieses do formalismo eslavo com alguns indícios do estruturalismo. Tal método foi imperioso para que ele pudesse ser aprovado e receber seu diploma sem que tivesse que se curvar “às exigências da ideologia dominante” (Todorov, 2009, p. 17), o que para ele era “uma esquizofrenia imposta pelo regime totalitário búlgaro” (Todorov, 2009, p. 1). Assim,

¹³ Luiz Costa Lima é um teórico que, embora tenha flertado com o estruturalismo, é desapegado ao imanentismo, pautando suas análises nos vieses da psicologia, ciências sociais e história.

¹⁴ É curioso o caso de Todorov. Foi um grande defensor do formalismo e do estruturalismo, tendo feito boa parte da sua carreira nessas correntes. No entanto, nessa mesma obra em que ele relata sua predileção pelo formalismo, não muito tempo depois parece entrar em uma contradição, ao posicionar-se contra o estudo formal e estrutural da obra literária. A sua justificativa é que o estudo formal, extremamente teórico, afasta o aluno do texto literário. Tese, conforme observação que fizemos, é defendida por Fábio Durão, mas que, como Leyla Perrone-Moisés somos contrários, isto é, seguimos o posicionamento de Umberto Eco que defende o exato oposto.

Escolhi, então, escrever minha monografia comparando duas versões de uma longa novela de um autor búlgaro, escrita no início do século XX, limitando-me à análise gramatical das modificações feitas por ele entre as duas versões: os verbos transitivos substituíam os intransitivos, o perfectivo se tornava mais freqüente que o imperfeito... Assim, minhas observações escapavam a toda censura! Procedendo dessa maneira, não me expunha a violar os tabus ideológicos do partido (Todorov, 2009, p. 17-18).

Pode-se asseverar que o estudo objetivo da literatura, tal como feito por Todorov, é pautado pela leitura cerrada em um viés essencialmente formalista. Para alguns teóricos, como Fabio Akcelrud Durão (2017), essa corrente crítica e metodológica de análise literária trouxe consigo, dentre outras coisas, uma consequência: a perda da fruição, do prazer e do entusiasmo pela leitura literária (Durão, 2017)¹⁵. Com efeito, tal situação contribuiu em larga medida para estudos temáticos, uma vez que subsidiados pela *Theory* e em consonância com as correntes militantes, pode-se fazer um estudo acadêmico sem deixar, ainda que parcialmente, a fruição de escanteio.

Então, ao que parece, é mais fácil desenvolver uma pesquisa sobre uma obra que esteja conectada à realidade e com uma Teoria igualmente pertinente, sobretudo em função do reconhecimento do leitor/pesquisador com o *corpus*, haja vista que nesse caso a fruição é presente, ainda que parcialmente, do que empreender esforços em uma atividade científica que, pragmaticamente, não tem fruição nem gera de imediato ressonância fora da academia. Dito isso, se hoje ao tentar recuperar os pressupostos das correntes tradicionais do século XX é visto como um ato reacionário, naquela ocasião o contrário também o foi. Nessa mesma linha de raciocínio, em ensaio de 1957, intitulado *Crítica e Estética*, Afrânio assevera:

Quer queiram quer não os reacionários defensores de um vago impressionismo, facílmo porque depende apenas do desejo de opinar no vácuo e porque se reduz afinal a uma conversa fiada irresponsável, adjeti;;va e exclamatória, o estágio atual da crítica brasileira ficará caracterizado como a fase em que se tomou consciência da necessidade de padrões estéticos para a crítica (Coutinho, 1969, p. 60).

Isso decorre, em certo sentido, em razão do “fracasso de nossas tentativas para a criação de um criterologia literária” (Coutinho, 1969, p. 26). A causa para tanto, conforme observou Coutinho em 1948 no ensaio *A crítica no Brasil*, é a falta de uma tradição crítica e filosófica na literatura e mesmo a supervalorização que Horácio recebeu em detrimento de Aristóteles que preza o caráter “estético e filosófico” (Coutinho, 1969, p. 26). Destarte, é

¹⁵ Algo que particularmente discordo, para não ficar apenas no privado, isto é, na minha opinião, pode-se trazer à cena Perrone-Moisés e Umberto Eco que discordam fatalmente da visão estabelecida por Fábio Durão. Eco no livro *Seis passeios pelo bosque da ficção*, por exemplo, diz clara e objetivamente que o estudo formal potencializa a fruição do texto literário: “A experiência de reler um texto ao longo de quarenta anos me mostrou como são bobas as pessoas que dizem que dissecar um texto e dedicar-se a uma leitura meticulosa equivale a matar sua magia. Toda vez que releio *Sylvie*, embora conheça o livro de modo tão anatômico – talvez *porque* o conheça tão bem –, apaixono-me por ele novamente, como se o estivesse lendo pela primeira vez (Eco, 1994, p. 18).

mais fácil e conveniente debater a opressão sofrida pela mulher de Tobias, personagem de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, do que discutir a estética e o hercúleo trabalho de linguagem que João Guimarães Rosa desenvolveu em *Grande Sertão: veredas*. Ademais, Vieira Júnior se tornou uma espécie de celebridade, muito próximo de o próprio autor ofuscar a sua obra. Nesse diapasão,

Acontece que na sociedade do espetáculo a literatura passou a ser objeto de grandes eventos e os escritores se transformaram em celebridades mais conhecidas do que lidas. Todos querem ter seus quinze minutos de fama, num festival literário ou no palco de um grande prêmio, transmitidos pela televisão e pela internet. E chegar lá depende, em parte, da crítica (Perrone-Moisés, 2016, p. 64).

Frente à discussão estabelecida, reforça-se que a crítica literária contemporânea ainda se desenvolve com auxílio de muletas sociológicas, psicológicas entre várias outras “lógicas”: “E ainda há quem pense deve ser isto a crítica, nem são verdadeiros homens de letras, não enxergando a literatura senão em função de finalidades e conteúdos extraliterários” (Coutinho, 1969, p. 61), dessa forma não temos uma literatura literária nem uma crítica literária, mas, sim, literatura e crítica sociológicas, políticas, históricas e culturais.

Ademais, a *Theory* propõe um estudo teórico em que não há objeto definido e bem delimitado, como consequência, são desenvolvidas reflexões destituídas de um objeto com que se relacione. Gera-se, então, uma crítica sem objeto. Diante disso, o literário perde seu cariz autônomo, sendo colocado em um papel de servidão: “A teoria que precisou do literário para poder surgir circula semi-independentemente dele; no máximo, o contato com as obras serve de confirmação ou exemplificação, nunca de desafio, à teorização que agora as precede” (Durão, 2009, p. 291).

Com efeito, o problema dos estudos culturais na literatura é antes ignorarem a fatura do texto literário enquanto elemento construído por meio da linguagem estética do que a ineficácia analítica ao considerar a literatura tão somente um aparato para se exemplificar questões candentes na contemporaneidade, como as mulheres, os indígenas, os LGBTs.

Constatamos a existência de um conflito. Isso porque existe uma disputa entre o polo autônomo e o polo heterônomo. No fim, parece-me claro que existe em ambos os lados uma batalha pelo monopólio da legitimidade literária.

Por conseguinte, são a cada momento o lugar de uma luta entre os dois princípios de hierarquização. O princípio heterônomo, favorável àqueles que dominam o campo econômico e politicamente (por exemplo, a “arte burguesa”), e o princípio autônomo (por exemplo, a “arte pela arte”), que leva seus defensores mais radicais a fazer do fracasso temporal um sinal de eleição e do sucesso um sinal de comprometimento com o século (Bourdieu, 1996, p. 240).

O trabalho de Coutinho buscou a conquista da autonomia por meio da estetização e da cientificação da literatura. Ou seja, tratou-se de uma tentativa de criar um capital



simbólico específico, no qual a literatura estaria protegida de questões estranhas a ela. A intrusão dos estudos culturais na literatura representa o princípio heterônomo, de maneira que a literatura passou a ser julgada não por si mesma, mas antes pela sociologia, pela história, pela política. E aqui existe uma preocupação com o que Bourdieu (1996) chamou de curto-circuito. Ora, entre a literatura e a sociedade existe um campo complexo (convenção, forma, posição, simbolismo, gênero literário, expectativa, posicionamento teórico etc.), de maneira que a autonomia relativa do campo impede que a obra seja explicada e/ou interpretada legitimamente a partir de fatores globais, do tipo “o personagem agiu assim, porque a sociedade da época era daquele jeito”. Quer dizer,

a autonomia relativa do campo afirma-se cada vez mais em obras que devem suas propriedades formais e seu valor tão somente à estrutura, à história do campo, impedindo cada vez mais o ‘curto-circuito’, isto é, a possibilidade de passar diretamente do que se produz no mundo social ao que se produz no campo (Bourdieu, 1996, p. 280).

Dessa forma, além de mapear essa disputa, tentamos demonstrar uma certa preocupação bourdieusiana com o fato de a sociologia da cultura intervir para, de alguma maneira, anular a especificidade da obra. Em suma, a literatura, na autonomia relativa, não pode ser explicada ou interpretada legítima e diretamente pelos estudos culturais, uma vez que isso se dá por meio de uma dinâmica histórica interna do campo literário que, antes de tudo, passa por critérios estéticos e éticos da linguagem.

Cumpramos observar que o autor deste artigo é defensor de um equilíbrio. Isso porque, assim como Bourdieu (1996), Antonio Candido (2023) e o próprio Afrânio Coutinho (1957), não acreditamos na existência de uma autonomia pura e simplesmente (daí a autonomia relativa) do mesmo modo que não nos parece correto a realização de crítica literária sem que se coloque critérios literários em primeiro lugar, pois se assim não for trata-se de crítica, mas não literária.

À guisa de considerações finais

Afrânio Coutinho promoveu uma contribuição notável para os Estudos Literários no Brasil ao introduzir e adaptar as ideias da Nova Crítica. No entanto, é importante reconhecer que suas propostas não eram completamente inéditas, pois a Nova Crítica brasileira configurou-se, em muitos aspectos, como uma adaptação das teorias críticas desenvolvidas nos Estados Unidos e nos círculos eslavistas. A similaridade entre a Nova Crítica de Coutinho e o *New Criticism* norte-americano é evidente tanto em termos metodológicos, quanto na recepção dessas abordagens em seus respectivos contextos. Assim como nos Estados Unidos, onde a crítica literária desvinculada de preocupações sociais gerou certo estranhamento, no Brasil, esse deslocamento também enfrentou resistências.

Contudo, no caso brasileiro, além das questões de recepção, parece-nos que a curta vida e a baixa aceitação da Nova Crítica estão intimamente ligadas ao extremismo teórico



de Coutinho. Seu compromisso rigoroso com uma análise imanente, focada exclusivamente no texto, afastou parte da comunidade acadêmica, que buscava uma crítica mais conectada com as questões sociais e históricas. Esse afastamento abriu espaço para que, rapidamente, o Estruturalismo ganhasse proeminência, contribuindo para o declínio da Nova Crítica no Brasil – ainda que a contribuição de Coutinho tenha sido fundamental para o desenvolvimento de uma crítica literária profissionalizada e metodologicamente rigorosa no país.

Independentemente das controvérsias e da recepção crítica, não se pode subestimar o valor da importação realizada por Coutinho, que foi crucial para a transformação da episteme e da metodologia dos Estudos Literários no Brasil. A transição de uma crítica literária amadora para uma crítica sistemática e profissional contribuiu significativamente para a consolidação dos Estudos Literários como uma área legítima do conhecimento científico, merecedora de espaço dentro das universidades.

A transição da crítica literária tradicional para os estudos culturais no Brasil reflete um processo de ampliação epistemológica e metodológica, que dialoga com transformações sociais, políticas e acadêmicas. Essa trajetória, que passa pela consolidação de perspectivas teóricas como a de Afrânio Coutinho e a incorporação de abordagens da Theory, revela uma tensão produtiva entre a valorização da literatura como arte e a sua análise como prática cultural inserida em contextos históricos e ideológicos.

Embora os desafios persistam, como a resistência a novas abordagens e a necessidade de maior articulação entre teoria e prática, o panorama atual aponta para uma crítica literária mais inclusiva, interdisciplinar e sensível às demandas contemporâneas. Nesse sentido, a preservação do rigor analítico e a abertura a múltiplas perspectivas constituem um caminho fecundo para enriquecer a compreensão da literatura e de suas interfaces com outras linguagens e saberes.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Zahar: Rio de Janeiro, 1985.

ASSOCIATION OF LITERARY SCHOLARS, CRITICS, AND WRITERS (ALSCW). About. Washington, DC, 2025. Disponível em: <https://alscw.org/about/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMILO, Vagner. **A modernidade entre tapumes**: da poesia social à inflexão neoclássica brasileira moderna. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.



CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Todavia, 2023.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica & Críticos**. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

COUTINHO, Afrânio. Incompreensão do formalismo. *In*: COUTINHO, Afrânio. **Crítica & Críticos**. Rio de Janeiro: Simões, 1969. p. 65-68.

COUTINHO, Afrânio. **Que Teoria Literária se deve ensinar no nível de graduação universitária**. Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 21-23, 1973. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=072702&pesq=%22anedota%20referente%20a%20Paula%20Ney%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=2397> Acesso em: 16 out. 2024.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e diversidade cultural. *In*: CARREIRA, Shirley de Souza Goes. **Deslocamentos, heterotopias, identidades**: reflexões sobre literatura, arte e diversidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 15-26.

COUTO, Elvis Paulo. Perfis ideológicos da crítica cultural brasileira. *In*: **Colóquio O Brasil e seus intérpretes**: literatura, teoria e sociedade. Rio de Janeiro, 2024.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CUSSET, François. **Filosofia Francesa**: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & cia. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIS, Todd F.; WOMACK, Kenneth (org.). **Mapping The Ethical Turn**: A Reader in Ethics, Culture, and Literary Theory. Charlottesville/London: University Press of Virginia, 2001.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Breves observações sobre a teoria, suas contradições e o Brasil. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 1, n. 44, p. 81-95, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/242/241>. Acesso em: 12 out. 2024.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Burrice Acadêmico-Literária Brasileira. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 43, p. 19-33, 2017. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1053>. Acesso em: 22 out. 2023.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Da politização da desconstrução em Gayatri Spivak. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 289-301, jul./dez. 2009.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Teoria (literária) americana**: uma introdução crítica. Campinas: Autores Associados, 2011.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Três Ideias e uma Aposta sobre a Teoria Literária no Brasil. **Revista de Estudos Literários**, Coimbra, v. 14, p. 23-44, jul. 2024. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/13345/9904>. Acesso em: 18 jul. 2024.



EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

ELIOT, T. S. **The sacred wood**: essays on poetry and criticism. London: Methuen & CO. LT, 1920.

ELIOT, T. S. Tradition and the Individual Talent. **The Egoist**, London, p. 54-73, dez. 1919. Disponível em: https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Eliot_Tradition_1919.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Espírito e a Letra**: Estudos de Crítica Literária (1948-1959). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. vol. II, 275p.

LIMA, Luiz Costa. **Lira e antilira**: Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

OLIVEIRA, Franklin de. A dança dos equívocos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 fev. de 1968.

PATAI, Daphne; CORRAL, Will H. (Ed.). **Theory's Empire**: an anthology of dissent. New York: Columbia University Press, 2005.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. Campinas: Edusp/Educamp, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla; ANDRADE, Fábio; MAIA, Eduardo Cesar. (Entrevista) Entrevista com Leyla Perrone-Moisés. **Estudos Universitários**, [S. I.], v. 33, n. 1/2, p. 6-12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosuniversitarios/article/view/256440>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PINEZI, Gabriel. A resposta de Fabio Durão à crise da teoria literária em Metodologia de pesquisa em literatura. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, n. 57, p. 443-453, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/51299/30903>. Acesso em: 22 nov. 2025.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte). [s.l.], [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/democratizacaonobrasil.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2026.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: ROCCO, 2000.

SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa. (A ficção brasileira modernista). In: SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**: Ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 25-40.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



SOUZA, Roberto Acízelo de. Ciclo de debates NuPILL 2023: Palestra com Roberto Acízelo de Souza. **Youtube**, 2023a. Vídeo (1h15:52). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNlytlggYhE>. Acesso em: 12 dez. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo de. De como uma geração lidou com a teoria da literatura. *In*: SARAIVA, Juracy Assman; BORDINI, Maria da Glória; MÜGGE, Ernani; KASPARI, Tatiane (org.). **Literatura e seus enlaces**: trajetória de Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Makunaima, 2023b, v. 1, p. 902-909.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Estudos culturais: descrição de um conceito e crítica de sua prática. **Matraga**, v. 17, p. 63-70, 2005. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/matraga/matraga17/matraga17a05.pdf>. Acesso em: 04 out. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *In*: UFF, Estudos de Literatura. **A produção e circulação de teoria dos estudos literários – Fábio Akcelrud Durão**. YouTube, 19 de jul. de 2023c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5TBmcCJnHLg>. Acesso em: 29 out. 2025.

TATE, Allen. **Limits of Poetry**: Selected Essays (1928-1948). New York: The Swallow Press, 1948.

TEIXEIRA, Ivan. O FORMALISMO RUSSO. **Cult**, 1998. Disponível em: https://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Formalismo-Russo_Ivan-Teixeira-1.pdf. Acesso em: 07 ago. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TYSON, Lois. **Critical Theory Today**: A User-Friendly Guide. 2 ed. London: Routledge, 2006.

NOTAS DE AUTORIA

Gabriel Felipe da Silva (gabrielfelipe@id.uff.br) é doutorando em Estudos de Literatura (Teoria e Crítica Literária) pela Universidade Federal Fluminense – UFF (CAPES 7) e Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas (CAPES 6), com mobilidade no Centro de Estudios Brasileños (CEB) da Facultad de Filología da Universidad de Salamanca – USAL, Reino de España, com apoio CAPES-PROEX. Mestre em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (CAPES 6) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Membro da American Comparative Literature Association – ACLA, da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC e da Associação Nacional de Pós-Graduandos – ANPG. Atua na área de Teoria e Crítica Literárias, Crítica Genética, Romance de 30, Ensino de literatura e cinema.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires e à Profa. Dra. Ana Karla Carvalho Canarinos, pelas orientações precisas e pelo apoio fundamental em meu percurso acadêmico pela história da crítica literária.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SILVA, Gabriel Felipe da. Entre a subversão e a dependência: o pós-estético nos estudos literários. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-25, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.



Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 23/11/2024

Revisões requeridas em: 18/09/2025

Aprovado em: 07/01/2026

Publicado em: 05/02/2026

